

mais variadas. Parece que se pode dizer que, no caso de Teresa, ela o viveu no seu mais alto grau espiritual. Pode-se negar o caráter religioso de tais sonhos, assim como a existência de sonhos religiosos, ou de um instinto religioso, ou a presença da divindade na alma, mas para aquele que faz esta experiência, isto é a verdade simplesmente. Nossa experiência de psicoterapeuta nos obriga a constatar que este instinto é muito mais forte do que o homem contemporâneo gosta de reconhecer. cremos poder dizer que não acompanhamos uma só evolução psicológica, assiduamente realizada, sem observar a manifestação espontânea de sonhos religiosos. Chega-se a perguntar se é a sexualidade que é ainda o problema do homem contemporâneo, ou o problema religioso, apesar de toda a importância que possam ter a sexualidade e a vontade de poder, na vida do homem?<sup>138</sup>

Em todo caso, nós nos recusamos a aceitar a crítica fácil que consiste em dizer: mas os sonhos não querem dizer isto; vós vos detendes no sentido manifesto e esqueceis o sentido escondido. Adotamos diante dos sonhos a atitude que consiste em considerá-los como um fenômeno da natureza, como uma auto-representação espontânea e simbólica, descrevendo a situação íntima do sonhador.<sup>139</sup> O que tentamos fazer é uma análise fenomenológica dos sonhos. A interpretação, em muitos casos, não tem outra finalidade senão a de objetivar e concretizar o que é revelado ao sonhador, freqüentemente com muita intensidade, depois do seu sonho. Geralmente eles pressentem o quanto seu sonho é rico de significados. Observamos, mais de uma vez, que o próprio inconsciente fornecia uma interpretação.

Seria falso e mesmo ridículo acreditar que os nossos pacientes têm tais sonhos para nos serem agradáveis. A psique objetiva não conhece todas as fraudes do eu consciente; ela é verdadeiramente objetiva. Aliás, citamos neste estudo sonhos surgidos à consciência de pessoas que então se submetiam a outro tipo de tratamento analítico. Como estes sonhos não haviam sido realmente analisados, mas reduzidos aos esquemas da «teoria», estas pessoas sentiram a necessidade de contá-los a nós, como se isto fosse uma condição essencial para continuar sua própria evolução interior. A interpretação dogmática, personalista e concretista, da maioria dos sonhos que citamos neste estudo chega só a bloquear a experiência viva das realidades interiores. Teorias, esquemas,

<sup>138</sup> Levantar tal questão pode parecer estranho da parte de um psicanalista que muito freqüentemente ainda deve confirmar que as observações feitas por Freud com relação ao cristianismo do fim do séc. XIX e do início do séc. XX são justas. Mas esta forma de cristianismo está longe de desaparecer.

<sup>139</sup> Jung, C.G. *L'homme à la découverte de son âme*. Paris, Ed. Payot, Petite Bibliothèque Payot n. 53, 1962, 341 p. (254/286).

representações, definições, são categorias do eu, que não podem ser aplicadas ao centro da alma, pois este as transcende sob todos os ângulos. Enquanto fazemos qualquer representação do centro, nos fechamos por causa da atitude rígida do eu a qualquer manifestação espontânea do centro. Certamente, a personalidade do analista, sua atitude psicológica, sua própria relação com o inconsciente e sua problemática existencial representam um papel fundamental na constelação dos conteúdos arquetípicos dos seus analisados; mas isto não prejudica em nada a objetividade dos sonhos. Certamente todos os sonhos religiosos não podem ser interpretados como manifestações do centro da alma. Às vezes o inconsciente se serve de temas religiosos para modificar uma atitude muito rígida do eu. Esta mudança é necessária para abordar uma outra problemática difícil, a da própria análise. Outras vezes, os sonhos se referem explicitamente à consciência coletiva, ao superego, a uma falsa educação religiosa. Mas mesmo nestes casos não podemos subestimá-los e reduzi-los a «isto não é nada mais do que...»

## 6. O Centro é Fogo

O sol da alma simboliza a luz interior. Mas ele é igualmente o símbolo do amor divino, vivificando todas as coisas. Neste sentido, o símbolo do sol equivale àquele da chama do braseiro e do fogo. A origem do fogo, com efeito, é às vezes o sol divino, que vem «do alto»,<sup>140</sup> às vezes do próprio fundo da alma,<sup>141</sup> na qual existe uma espécie de braseiro. Ora, «este braseiro de amor que não é outra coisa que meu Deus»,<sup>142</sup> o «fogo do verdadeiro amor de Deus»,<sup>143</sup> este amor que pode «se comparar a um grande fogo»,<sup>144</sup> este fogo envolve a alma toda «como se neste fundo íntimo houvesse um braseiro no qual se houvessem jogado perfumes os mais sutis».<sup>145</sup>

Este braseiro não é outra coisa senão o centro da alma, núcleo de energia que tende a se atualizar. O fogo exprime o dinamismo que quer libertar a alma dos entraves da matéria para que o homem inteiro participe do amor divino. É sentido como um impulso para uma vida nova. Teresa fala de impulsos fortes que surgem do centro da alma para acordar as potencialidades.<sup>146</sup> Ela insiste em dizer que este tipo de impulso não procede do homem

<sup>140</sup> Vida XXXIX-23.

<sup>141</sup> Relaciones II-9.

<sup>142</sup> Moradas 6,II-4.

<sup>143</sup> Vida XXXIX-23.

<sup>144</sup> Vida XXX-20. — A respeito do tema do fogo, ela dirá: «Parece-me a melhor comparação que eu pude encontrar» (Moradas 6,II-4).

<sup>145</sup> Moradas 4,II-6.

<sup>146</sup> Moradas 7,III-8. Moradas 6,II-1.